

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 22 de abril

Vimos na questão da interferencia que a assembléa dos *notaveis* depois de muita fanfarrice se curvára ás condições propostas pelo gabinete britannico, a fim de obter d'elle a mediação; vimos depois que o conselho d'estado votará *unanime* pela acceitação das propostas, procurando comtudo modificá-las; e vimos por fim que a côrte, estribada no voto de tres ministros ignorantes e ineptos, abraçará o partido da guerra *sempre com a intenção doble de rejeitar a mediação no caso de victoria e de a acceitar no caso de um revez.*

Não nos enganámos. O *Espectro* como o enviado de Deus não pode proferir senão verdades. Nada lhe é occulto. Mal os ministros concebem um pensamento peccaminoso já elle o sabe; mal praticam uma acção desairosa já elle a revella. Os registros das secretarias, as notas dos embaixadores, os segredos do paço tudo lhe é patente. O *Espectro* vê tudo, e ninguem o vê a elle. Está em toda a parte como Deus porque é emanação d'elle. Põe a mão sobre o coração do paiz, e conta todas as suas palpitações. Por isso é que interpreta bem as suas necessidades.

Assim o reconhece já a folha official do governo, que não ousa contrariar-nos. Confundindo cousas distinctas quiz achar contradicção, aonde não havia senão coherencia. Dissemos sempre que só dois membros do governo haviam votado pelas propostas conformando-se com a opinião da maioria convocada, e asseverámos que a côrte se determinára pela guerra contra a vontade d'essa maioria. E assim se passou na verdade.

Tudo para a côrte é deshonoroso, tudo para ella tem seus perigos. As condições são aviltantes, porque são uma censura ao ministerio, e á sanctificação da causa popular; tem seu perigo rejeita-las porque o throno da rainha pôde succumbir n'essas batalhas, que dá contra o

povo sem a acquiescencia dos seus servidores mais fieis. A guerra salva o brio dos ministros, convém aos seus caprichos; a guerra é logica para elles; mas a guerra é indecente para quem censurou sempre a emboscada de 6 d'outubro. e para quem presa mais o throno da rainha que as veleidades ministeriaes, e que as conveniencias dos partidos.

A questão é se um rei commanda um exercito e é vencido, ha de ficar rei; a questão é se uma rainha a quem se offerecem condições de paz, e que as não acceita, deve ficar rainha, se não esmaga os seus subditos contra os quaes manda marchar os seus exercitos apesar do voto unanime do seu conselho em contrario; a questão é se o poder moderador que demittiu em 6 de outubro um ministerio que o salvára, não é cúmplice nos males da patria conservando um que lhe trouxe a guerra.

Para gente cordata, que não professa os nossos principios, a rainha valia mais que o seu ministerio; a paz publica era preferivel aos caprichos d'uma pandilha. A logica era sacrificada ao throno. Os irracionaes triunfaram, e o Farinho, e o perna de pau, morrem com a triste gloria de terem levado atraz de si um throno.

Haja pois guerra, mas fiquem certos de todas as suas legitimas consequencias.

A côrte com a sua intenção damnada não se atreveu a responder que não acceitava a mediação—e encarregou o barão de Renduffe e I. L. Bayard de tratarem com sir G. H. Seymour a modificação dos artigos propostos.

Sabemos quaes são as modificações que o governo deseja obter; mas tambem sabemos que não o consegue. «Resiste a declarar em vigor desde já a carta constitucional com todas as suas garantias politicas e individuaes, porque (diz) seria isso o mesmo que desarmar o governo da força que precisa, não sendo possivel sustentarse qualquer ministerio apenas fosse livre a imprensa e soltas ás pessoas que por precaução se acham presas desde outubro para cá. E por

consequente se deverá entender que a carta constitucional se pode pôr em vigor desde que o paiz se julgar pacificado.

«Que em quanto á nomeação do novo ministerio se deve attender a que semelhante proposição é attentatoria da prerogativa real; e que demais se a rainha fôr constringida a não nomear pessoas que tenham mostrado adherencia ao systema de 6 de outubro, só se poderá servir das que teem militado nas fileiras da opposição ao governo. E que portanto se deverá eliminar este artigo,

«Que a prompta convocação das côrtes offerece a mesma difficuldade! que o restabelecimento prompto da carta constitucional, pois que no actual estado de cousas se elegeria uma camara composta toda da opposição.

«Que a annullação de todos os actos exorbitantes trazia graves difficuldades, offendendo-se interesses creados á sombra d'esses actos exorbitantes.

«Que a restituição de todas as honras, e empregos aos revoltosos era a canonisação da revolta, e que isso poderia ficar dependente de um acto de clemencia da rainha, que não fosse com tudo applicado aos principaes chefes; entendendo-se isto mesmo dos deportados para a costa d'Africa.

Em resumo—a côrte propõe que a rainha dê uma amnistia como entender quanto ao tempo e pessoas; e que a execução do systema constitucional fique dependente da sua vontade sendo estas condições impostas ás forças populares, comprometendo-se a Inglaterra a compellilas, a rebel-as.»

A mediação por este preço era barata. Esmagava-se o povo, e ficava em pé o despotismo. Mas o accordo assim é impossivel. O gabinete britannico diz:—«para terdes a paz, observae a constituição, convocai as côrtes; sede justos e eu intercederei para que vossos adversarios desarmem.» A côrte responde:—«Não posso observar a constituição, porque me falta a paz, nem convocar a representação nacional, porque essa representação me prejudica.» Assim é inevitavel a continuação do conflicto. Os estrangeiros entendem que a guerra proveio da inobservancia da carta; a rainha quer que acabe a guerra para nos dar as garantias da carta! Responde á questão com a questão.

O primeiro intuito da côrte foi rejeitar inteiramente a mediação com taes condições, mas sujeitou-se depois a tratar das alterações, porque recebeu da Hespanha despachos no sentido dos do governo inglez, aconselhando a rainha a entrar na estrada da justiça, porque só d'esse modo é que a Hespanha poderia fazer-lhe bons officios.

Esta é a posição do gabinete em relação ás potencias estrangeiras.

Mas para obter a mediação era necessario não continuar a guerra. Convinha-lhe estar só

na defensiva, e nunca tomar a offensiva. Se a côrte espera poder por uma vantagem obtida sobre os seus contrarios arraujar só os negocios do paiz, deve lembrar-se que os contrarios tambem assim pensam.

E o caso é que todos pensam bem, salvas as consequencias. O gabinete de Londres accedia aos desejos de mediação por duas causas—1.^a por desejar valer a uma rainha angustiada e que se soccorria á sua protecção desconfiada do valor dos seus vassallos—2.^a porque presumia que nenhum dos partidos podia vencer o outro. Ora logo que a rainha não acceta a mediação segundo as condições propostas cessa a primeira razão; e derrotado o seu exercito, cessa a segunda, vindo a ser indifferente para os inglezes que governe a côrte ou a junta do Porto, com tanto que acabe a guerra civil que nos assolla.

A conclusão é que a côrte faz hoje a guerra por sua conta, e que arrisca n'ella a corôa e o throno da rainha. As potencias estrangeiras não lhe valem nem querem esposar a causa d'ella, porque é a da injustiça; os povos desamparam-na porque é a do despotismo. E esse revez não no chorarão os nobres, que estão proscriptos; não no chorará o povo, que está oppresso. E quem sabe! Talvez nem sequer o chore essa meia duzia de empalmadores, por quem e para quem se tem feito tanto mal.

Hontem sabiu de Almada a columna commandada pelo ex-conde de Vinhaes. O commandante em chefe ia passar-lhe revista ao meio dia; e a columna já havia part do! Se foi esperteza nunca houve cousa que se parecesse mais com tolice.

As forças de Setubal, do commando do visconde de Sá, achavam se prevenidas. Caçadores 5 viera occupar Palmella: os outros corpos achavam-se nas posições que lhes foram indicadas.

No dia 20 chegaram a Setubal 400 homens do batalhão de Monchique.

Os vapores da junta andam ahi fóra da barra, e diz-se que teem aprisionado alguns hiates do governo.

A náu *Vasco da Gama* está a armar. Não tem marinheiros. Andam-se a prender gaiatos e aguadeiros, que chegam a bordo de sacco ás costas e vem logo para terra.

Correm hoje diversas noticias todas favoraveis á nossa causa. Diz-se que houvera fogo das 7 horas da manhã até ás 11 nos piquetes avançados. Diz se que de tardo o tornára a haver. Dão-se como aprisionados alguns piquetes cabralistas.

O *Espectro* não garante a veracidade de nenhuma d'estas noticias, nem as nega. Tem fé em Deos, e confiança na victoria. O que nós queriamos era que as tropas do governo sahis-

sem das trincheiras, e fossem vêr as barbas ao inimigo, do qual já teem fugido tres vezes.

O que é verdade é que os cabralistas andam cabisbaixos, e que teem recebido noticias pelos postilhões do governo. Se houvesse não diremos vantagem d'elle mas uma lucta travada e indecisa já tinhamos o annuncio de supplemento.

Tivemos folhas do Porto até 19 e cartas até 20. Eis-aqui o que diz o nosso correspondente:

«Porto 20. — Partiu domingo para o Alemtejo o vapor inglez *Falion*, ao serviço da junta: levou a seu bordo o major Montenegro. Saldanha está do mesmo modo; mandou apenas 600 homens para a Figueira com destino de embarcarem talvez para ahi.

«Casal tem ha tres dias bagagens carregadas em Villa Real. Fez constar ás auctoridades que se preparassem pois que elle ia retirar, e segundo todas as probabilidades passará á Beira. Ha grande desintelligencia entre o Casal e o Cabral (mouco).

«Parece que as nossas forças d'Amarante e Penafiel marcham para alem do Tamega; pelo menos ha todos os preparativos para isso. O conde das Antas partiu hontem com caçadores 2 e 80 cavallos para Penafiel, e hoje toda a força tem ordem de marcha. Creio que effectivamente já sahiu alguma na mesma direcção.»

O extracto das folhas é o seguinte:

«A junta querendo distinguir e louvar os cidadãos que n'esta lucta mais se extremarem por illustres feitos d'armas houve por bem, por decreto de 12 do corrente, crear uma nova ordem militar intitulada — Legião Nacional — Esta ordem comprehenderá tres grãos, cavalleiros, officiaes, e commendadores, cujo numero será indefinido.

Domingo 11 o general conde das Antas, já completamente restabelecido do seu grave padecimento, passou revista a uma bella divisão no campo de Santo Ovidio.

A expedição do visconde de Sá na sua viagem para o Sul apresionou um navio que ia para a Figueira, e um official do regimento 14, que ia n'elle com officios do Saldanha.

No dia 13 entraram no Porto 80 e tantos voluntarios vindos de Traz-os-Montes. — Aonde o governo de Lisboa quer fazer um recrutamento, d'ahi sahem novos soldados para o exercito nacional — ainda os mais indifferentes preferem servir a junta do Porto do que o partido cabralista.

No dia 13 alli tinha chegado o batalhão de Moimenta da Beira, de que é commandante o tenente coronel F. de M. P. Mergulhão.

Constava no Porto que o governador civil de Aveiro havia retirado d'esta cidade, e as mais auctoridades preparavam-se para o mesmo.

O castello de Vianna ainda resistia; mas por officios recebidos no quartel general do conde

das Antas constava que os sitiados estavam nos maiores apuros e desalento. No dia 10 apenas responderam com um tiro ao fogo que lhe dirigiram os sitiantes, e o projectil que lançaram em lugar de ser balla era um seixo. No dia 11 houve de fóra para dentro um vivo fogo a que elles não responderam nem com um tiro. N'esse dia deixaram pela primeira vez d'arvorar bandeira no castello, não apparecendo nas muralhas senão as sentinellas. Lançaram-se lhes para dentro os jornaes que publicam as correspondencias interceptadas, o que deve ainda tel-os desanimado mais. A. P. dos Reis confessa n'uma carta que lhe foi interceptada estar com sérios cuidados sobre a triste posição do castello de Vianna.

Saldanha permanecia em Oliveira d'Azemeis, com a tropa bastante indisciplinada. O regimento 14 quiz revolucionar-se, chegando a dar vivas á rainha, e pedindo o pret, e fóra os ladrões. D'estas forças todos os dias fogem soldados para o Porto. Cinco que se apresentaram no dia 12 vindos da divisão do ex-barão do Casal affirmaram que n'este mesmo dia deviam pernoitar em Valongo cento e tantos camaradas com que tinham combinado a partida para aquella cidade, mas que procurando diversos caminhos elles se adiantaram mais um dia.

Já demos noticia da chegada do José Cabral, e da sabida do Dietz, d'estes *duo fulmina nostri imperii*. Mas teem occorrido depois d'isso casos que ao publico convem sabel-os.

O Dietz partiu finalmente. Era uma exigencia da revolução, mas se a rainha despediu aquelle *servo mau* é forçoso que reconheça a justiça da revolução popular, e se desligue dos homens que aquelle valido lhe metteu no paço, abandonando o systema que elles teem seguido.

No dia da chegada do paquete estava a rainha em palacio quando o barão de Rilvas chega, e dá parte que estava alli José Cabral. Eis o dialogo interessante que então houve:

Barão — «Senhora, alli está José Cabral.»

Rainha — «O barão está a gracejar.»

Barão — «Não, senhora, eu não tenho confiança para gracejar com V. M.»

Rainha — «Diga-lhe que estou incommodada.....

«Não.....que entre.....(Pensativa e áparte)

«Pensam que estou pouco compromettida, ainda me querem comprometter mais.»

Chega o Cabral, entra, beija a mão á rainha e ao rei, e tudo fica silencioso. Ninguem profere palavra.

José Cabral — «Senhora, V. M. determina alguma cousa de mim?»

Rainha — «Que vos retireis.»

A rainha queixa-se dos ministros, o Tojal que se achava presente jura que não sabia nada, manda-se chamar D. Manuel de Portugal, e esta protesta que nem elle nem os seus collegas sabem cousa alguma (1).

(1) São uns ineptos. O *Espectro* ja sabia que o José Cabral fora chamado para ler o numero na loteria do

Rainha—«Pois é preciso que esse homem se vá em-bora, e que parta dentro de 24 horas.»

D. Manuel—«Então será preciso intimal-o.»

Rainha—«Pois intimae.»

D. Manuel—«Mas, senhora, 24 horas será muito breve. Não bastaria que partisse no paquete?»

Rainha—«Pois sim—que parta.»

Passaram-se as ordens ao governador civil. O Marquez de Fronteira foi em pessoa fazer a citação. Diz-se que ia da parte de S. M. insinuar-lhe que sabbisse do reino. O Cabral perguntou se era insinuação ou ordem. Respondeu-se-lhe que era ordem. Depois de muito *dize tu, direi eu*, satisfação para aqui, satisfação para alli, despediram-se um do outro, e apesar da ordem, o homem sumiu-se e ficou.

Nós folgamos com aquelles respeitos d'amor e lealdade á rainha.

N'este meio tempo o ex-conde de Vinhaes dizia no paço que se o Cabral não sabbisse elle embainhava a sua espada.

São ridiculos todos esses amuos. Nenhum d'elles val mais um que o outro. O systema do Saldanha é o do Cabral, os servidores são os mesmos. Quererem mais a este do que áquelle são uns ciumes pequenitos que não prestam para nada. José Cabral fez bem desobedecendo áquelle que já rojaram a seus pés. E nós ficamos porque elle ha de sahir brevemente sem ser preciso intimal-o. A Maria da Fonte tem umas contas para ajustar com elle. Mas socegue que não ha de ser elle só: os seus perseguidores irão tambem.

Com tudo o illustre recém-chegado não descança no seu retiro, e ahi publica um papel intitulado *Brado da Lealdade*, que é uma censura amarga ao ministerio e á proclamação dos homens energicos, entre os quaes figura elle. Castilho, Perna de pau, Lopes de Lima, Pereira de Mello e outros caracteres de ferrugenta memoria.

Nós folgamos com esta publicação. Ao governador civil de 1844; e ao ministro da justiça de 1843 hade-lhe de saber agora bem esta liberdade de escrever que então perseguiu, ha de estranhar por certo a perseguição que agora soffre igual á que elle fez soffrer aos outros.

Mas vamos ao nosso ponto,

O papel cabralista diz o seguinte:

«Os nossos inimigos (os populares) ganharam

Tojal, e assim o escreveu a 12 d'abril no seu n.º 40. O *Espectro* é como Epaminondas, que nem zombando mentia. Quando elle diz que as cousas estão feitas, estão feitas; e quando diz que hão de acontecer, acontecem.

«moral e effectivamente o terreno que tão in-comprehensivelmente nós temos perdido. Os «nossos inimigos organisaram-se, alcançaram meios «pecuniarios, armas e equipamentos, e o de que mais «instantemente careciam: moveram-se, alargaram a «aria das suas operações, enviaram uma expedição ao «Algarve, e acham-se não longe das portas da capi-tal!!!

... «Os nossos ministros clamaram que nós só «nos estrangeiros podiamos achar salvação, recorre-ram aos inglezes, e os inglezes se prestaram ao que «se lhes pedia, em quanto de Inglaterra não chegas-«sem ultteriores resoluções. Estas chegaram; e o que «diziam? impunham condições, a que chamaram «conselhos, aviltantes, deshonorosos, indignos de se-«rem escutados por quem presa em alguma cousa o «decoro! Taes conselhos não foram admittidos por-«que a rainha de Portugal para ser generosa e muni-«ficente não carece de conselhos alheios. Entretanto «acham-se nomeados dois diplomatas portuguezes «para dar e receber explicações, e de accordo com «o ministro inglez e coronel Wilde formar uma «convenção.

«E haveria motivo para obrar com tanto desaccordo «e desdourar assim a causa da rainha? Não.

... «E fóra de duvida que um agente inglez que «se acha n'esta cõrte e tem entrado com as primeiras «auctoridades, e até no paço da nossa rainha cre-«ou um systema de terror que põe por obra median-«te certos inglezados... E este ardil continúa, e «este ardil é a alavanca de que o agente britannico «e os seus partidarios mais esperam... Propostas «infamantes, absurdas, deshonorosas, quaes as que «nos foram offerecidas, não pôdem nem devem ser «admittidas, seja qual fór o preço porque no-las com-«prem; e se a Inglaterra intendeu que devia sacrificar-«nos ao seu autojo contra a França e sobre tudo «contra a Hespanha por causa do casamento Montpen-«sier, nós, a ter de succumbir, val mais que succum-«bamos salva a honra. Se a junta do Porto, ajudada «como tem sido dos inglezes, triumphasse, o seu triun-«fo não lhe assegurava maiores vantagens do que «as que lhe fazem boas as propostas que nos foram «dirigidas pelo gabinete de Londres.»

Eis aqui o que escrevem os cabralistas, e que con-corda no essencial com o que toda a gente sabe, com o que o *Espectro* publica. Deshonra e aviltamento para o ministerio, compromettimento para a cõroa que é involvida n'essas luctas de sangue, n'essas contendias fraticidas que assollam o paiz.

Nós só registamos os factos para tirarmos d'elles as necessarias consequencias no dia grande que está quasi a chegar.

O ESPECTRO

Lisboa, 24 de abril

Deus abençoa as armas populares por mar e por terra. O vapor *Royal Tar* que o governo mandára comprar em Londres acaba de cair em nosso poder com mais de mil armas; o ex-barão do Casal fugiu da provincia de Traz-os-Montes, aonde não se demorou um instante, apenas soube que as forças liberaes o iam procurar; o visconde de Sá nas visinhanças de Setubal começou a dar uma lição mestra ao Simão Pessoa. Eis-aqui as partes officiaes dos nossos feitos d'armas.

OFFICIO

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tenho a satisfação de commu-
nicar a V. ex.^a que hontem pelas 4 horas e meia da
tarde avistei em frente da Ericeira um vapor. Imme-
diatamente mandei a postos toda a guarnição do meu
barco, começando a dar-lhe caça e dois tiros de pol-
vora secca, içando elle logo bandeira ingleza e signal
de paquete no mastro de prôa. Apesar d'isto conti-
nuei a persegui-lo, e como visse que elle empregava
toda a força na sua carreira, mandei dar-lhe terceiro
tiro de balla do rodizio de prôa, o que o fez atravessar
imediatamente, e vir á falla eram sete horas e
meia da tarde. Toda a guarnição do meu barco esta-
va a postos, e prompta a dar abordagem, animada do
melhor espirito e enthusiasmo. Soube que era o va-
por *Royal Tar* que vinha do Londres, com oito dias
de viagem, para o serviço do inimigo. Mandei dois
escaleres a bordo com alguma gente para o guarne-
cer, e conduzir para bordo do meu barco o capitão
Bengham, e o 1.^o tenente da armada Mattos Corrêa,
que conservo preso. O barco vem artilhado com dois
rodizios de calibre 68, e trazia mil e tantas armas
para o inimigo. — Deus guarde a v. ex.^a — Bordo do
vapor *Mindello* 22 de abril de 1847. — Ill.^{mo} ex.^{mo}
sr. visconde de Sá da Bandeira. — (Assignado) *Eduar-
do João Salter*, commandante da esquadra.»

CARTAS

«Setubal 22. — Não posso escrever mais por
muito occupado. O inimigo aqui se apresentou
hoje com toda a sua força, e tem havido bastante fo-
go d'artilheria. Agora tudo está em descanso, e o
inimigo acampado na proximidade. Hoje entrou o
Royal Tar apresado pelo *Mindello*. Vinha d'Inglat-
terra armado em guerra, e com mil espingardas a
bordo, das quaes algumas já hoje servem. — *Sá da
Bandeira*.»

«Setubal 23 ao meio dia — Estamos nas nossas
posições. Já tem havido fogo nos postos avançados,

em que nada temos soffrido, e o inimigo soffreu bas-
tante estrago, já dos nossos, já da artilheria. Entrou
aqui hontem o *Royal Tar* com armas e presentes
para a rainha, caixas de flores, sabonetes, etc. Elles
bem sabiam que nós tinhamos precisão das armas,
porque uma parte dos soldados que todos os dias se
nos apresentam veem desarmados.»

PARTE OFFICIAL DO EXERCITO DO NORTE

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — N'este momento 7 da noite re-
cebo o incluso officio do general Povoas com as com-
munições que o acompanham, nas quaes se asse-
gura que as tropas do Casal passaram hoje o Douro
para a Beira; congratulando-me com v. ex.^a por ver
já os infelizes habitantes da Traz-os-Montes livres
do peso de ferro que os opprimia, e ter a junta uma
provincia debaixo das suas ordeus, cujos habitantes
estão cheios de devoção, na sustentação da causa na-
cional.

«Peço a v. ex.^a de fazer saber isto á junta imme-
diatamente. — Quartel general em Vallongo 20 d'abril
de 1847. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Francisco de Paula Lobo
d'Avila. — *Conde das Antas*.»

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Sobre a marcha, recebo por
expresso o officio que junto tenho a honra de levar
ao conhecimento de v. ex.^a no original. — Logo que
chegue a Amarante darei a v. ex.^a noticias mais cir-
cumstanciadas; mas já me congratulo com v. ex.^a,
não pela retirada, mas sim por estar salva mais esta
infeliz provincia. — Deus guarde a v. ex.^a. — Sobre a
marcha, 2 horas e meia da tarde de 20 d'abril de
1847. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. conde das Antas. — O gene-
ral, *Conde das Povoas*.»

«Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tenho a satisfação de remetter
a v. ex.^a a participação inclusa, a que acrescenta o
portador que elle acompanhára o inimigo na sua
marcha até Paredes, estrada da Régua. — Isto é indub-
itavel. — Deus guarde a v. ex.^a Quartel general em
Amarante 20 d'abril de 1847. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.
conde das Povoas. — *Antonio Joaquim Guedes d'Oli-
veira e Silva*, commandante da 1.^a columna de ope-
rações.»

EXTRACTO DA PARTICIPAÇÃO

«Pelos 4 horas do dia 19 chegou o R. vindo do
quartel general do Saldanha com officios para o Ca-
sal, e logo depois este deu ordem de marcha a toda
a força para as tres horas da manhã seguinte.»

CARTA

«Porto 21 d'abril. — Esta noute passada transmittiu

para aqui o Antas (que ficou em Vallongo para vigiar os movimentos do Saldanha) um officio do Povoas, datado hontem ás tres horas da tarde em marcha de Penafiel para Amarante, em que lhe participava que o Casal sahira de Villa Real para Lamego, com toda a sua tropa pelas 11 horas da noute.

As avançadas do Povoas deviam hontem mesmo entrar em Villa Real e na Régua. Por este modo a provincia de Traz-os-Montes fica livre e brevemente ficará do mesmo modo a Beira, aonde a presença do Povoas com a bella divisão vai sem duvida fazer estabelecer um pronunciamento geral.»

Aqui mesmo damos parte d'um grande escandalo.

O banco acaba de emprestar ao governo 60 contos de reis, 40 em prata e 20 em notas. No ultimo balanço só tinha em prata 85 contos; e este banco não paga as suas notas. Os votos dividiram-se; o sr. B. M. de Oliveira Borges desempatou a favor dos cabralistas. Houve *luvas* para alguém. O publico assim é roubado, os accionistas tambem; só os empalmadores lucram.

O ministerio roubou ha dias 3:200,000 rs. das oblatas de Nossa Senhora da Conceição da Rocha. Este roubo commetteu-se a 14 do corrente por ordem do governo civil de 10. Já havia empalmado 60 contos do deposito publico.